

Revista Policromias
Volume 06 | Número 2

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO: AS CONVULSÕES POLÍTICAS
BRASILEIRAS E A PESQUISA DE IMAGENS, DE
DISCURSOS E DE SONS

PRESENTATION: BRAZILIAN POLITICAL
SEIZURES AND THE RESEARCH OF IMAGES,
SPEECHES AND SOUNDS

Maycon Silva AGUIAR¹

Rodrigo Pereira da Silva ROSA²

¹ Professor da Especialização em Gramática Gerativa e Estudos de Cognição do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Editor assistente da Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som. E-mail: <mayconsilvaaguiar@mn.ufrj.br>.

² Mestre e doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Editor assistente da Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som. E-mail: <rodrigopereiradasilvarosa@mn.ufrj.br>.



Com este número, celebramos mais um ano de vida da Policromias. Em relação aos contextos político e social existentes no aniversário anterior, quando comemoramos cinco anos de existência, muito mudou:

- Atingimos, em 19 de junho de 2021, a marca de 500 mil brasileiros mortos em nome da politicagem e do descaso do governo federal (AGÊNCIA BRASIL, 2021; (PODER 360, 2021) – em comparação, ao longo de dez anos, entre 2003 e 2013, a Guerra do Iraque fulminou 174 mil pessoas, entre soldados americanos e cidadãos iraquianos (AGÊNCIA BRASIL, 2013);
- sobrevivemos a meses de isolamento social, apesar de isso não ter freado os índices de contaminação por coronavírus e de não nos ter transformado em seres mais humanos;
- testemunhamos a decisão do Supremo Tribunal Federal de declarar a suspeição do ex-juiz Sérgio Fernando Moro nos julgamentos que envolveram o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (CONJUR, 2021; VALOR, 2021);e
- aprendemos que, caso o chefe máximo do Poder Executivo seja um homem branco heterossexual e cristão que se alinhe com os interesses dos partidos de direita e dos partidos de centro, a lei 1.079, de abril de 1950 (BRASIL, 1950), que institui a natureza do crime de responsabilidade e o seu processo de julgamento, não deve ser cumprida, a despeito dos 136 diferentes pedidos de impeachment dirigidos ao presidente da Câmara dos Deputados – entre pedidos originais (82), aditamentos (7) e pedidos duplicados 47 (APUBLICA, 2021, on-line) – e a despeito do designado “superpedido” de impeachment protocolado em 30 de junho, que reuniu 46 signatários



de ideologias políticas distintas e em que foram apontados, como tendo sido cometidos pelo presidente Bolsonaro, 23 dos crimes de responsabilidade previstos em lei (BBC, 2021; G1, 2021).

Por essas e por outras razões, 2021 não tem sido um ano fácil; e, muito menos, tem sido um ano justo. Justiça, afinalde contas, é um conceito de que temos tido poucas notícias desde há alguns anos. Igualmente, ética e moral abandonaram o léxico do português do Brasil, cansadas de tantos achaques de seres humanos contra seres humanos, como se disputássemos uma competição pela vida de fazer inveja a *Mad Max* (interpretado por Mel Gibson) e a *Titia Entity* (governadora interpretada pela atriz e cantora Tina Turner) (MILLER, 1985)³.

De acordo com Aristóteles (METEREOLÓGICOS, [2017]), “a arte imita a natureza”. Por sua vez, para Oscar Wilde, “a vida imita a arte mais do que a arte imita a vida”. Quem diria que nós, brasileiros da terceira década do século XXI, contrariaríamos máximas famosas de um dos maiores pensadores da História e de um dos escritores expoentes do século XIX? Contrariamos, sim, tais máximas e comprovamos um dos conceitos mais famosos de Hanna Arendt: a banalidade do mal (ARENDR, 1999).

Nesse sentido, considerando a deterioração, em vários níveis, a que o país foi submetido, reafirmamos, mais do que nunca, o nosso compromisso, enquanto publicação acadêmica democrática: “pretendemos que este seja um espaço multidisciplinar de análise e de discussão dos fenômenos do discurso,

³ Max e Entity são personagens do longa-metragem pós-apocalíptico *Mad Max beyond Thunderdome* (MILLER, 1985), que, no Brasil, estreou com o título de *Mad Max: além da Cúpula do Trovão*. No filme, em uma arena conhecida como *Thunderdome*, os humanos que resistiram a um holocausto nuclear se enfrentam em duelos cruéis, sendo declarado vencedor aquele que cair por último.



da imagem e do som, pautado nas observações de nossos colaboradores e colado à realidade de nosso país” (AGUIAR; SOUZA; PEREIRA, 2020, p. 14).

Cumprindo o objetivo de apresentar a composição deste número, inauguramos uma nova seção de textos inéditos, “Dossiê”. A partir deste número, abriremos chamadas quadrimestrais para essa seção, chamadas que serão organizadas e tematizadas ou por organizadores convidados ou por organizadores cujas propostas forem aprovadas. Nesse último caso, as propostas deverão ser sugeridas aos editores, que as discutirão e as avaliarão com base na sua pertinência ao escopo da revista e à (pouca) semelhança com dossiês anteriores. O dossiê deste número, designado “Políticas linguísticas entre povos indígenas do Nordeste brasileiro, de Minas Gerais e do Espírito Santo”, será destacado adiante, após os textos da seção “Artigo” terem sido resenhados.

Este número é aberto por “O guia médico do dr. Luiz Pereira Barreto: um estudo histórico-sociolinguístico da prática discursiva”, assinado por Helcius Batista Pereira, docente da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, e por Maria Alice Rosa Ribeiro, docente aposentada da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. No texto, os autores analisam *Guia Médico*, obra publicada, em 1879, por dr. Luiz Pereira Barreto e direcionada a fazendeiros. Para embasar as suas observações, Pereira e Ribeiro assumem o referencial teórico (transdisciplinar) desenvolvido em Fairclough (2003) e em outras obras, o qual é conhecido, no país, como *Análise Crítica do Discurso*. Por esse intermédio, concluem que

[o Guia Médico] é parte de um evento histórico, social, produzido por um agente – um médico clínico, formado na Universidade de Medicina de Gand (Bélgica), divulgador da filosofia positivista, da ciência e da experimentação como fontes da verdade, e, também, fazendeiro.

Por meio do discurso o autor age para construir, ecoar e reforçar as ideias apoiadas na ciência e na medicina de sua época: o fazendeiro, protetor da família e da propriedade de escravizados, a reforma da educação feminina, a responsabilidade e culpabilidade individual (das mães) pela mortalidade infantil. (PEREIRA; RIBEIRO, 2021)

O texto seguinte, “Corpo da cidade e do deficiente/da deficiência: sentidos ditados pela falta”, de Patrícia Aparecida da Silvae de Olimpia Maluf-Souza – respectivamente, doutoranda e professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado do Mato Grosso –, investiga o Plano Diretor da cidade de Cáceres-MT, verificando como as normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) são incorporadas ao documento; e como (e se) questões relativas ao corpo e à corporeidade de deficientes físicos atravessam as preocupações dos proponentes com as normas técnicas e com a estrutura da cidade. A análise é conduzida com base no referencial teórico da Análise de Discurso francesa e, foca, especialmente, do tripé que sustenta essa teoria – linguística, psicanálise e marxismo –, o que os saberes psicanalíticos revelam, sobre essa lei, que se esconde à vista do leitor e que se exibem nas entrelinhas.

“Vidas suspensas em tempos de pandemia: olhares e discursos plurais da crónica”, desenvolvido por José Cândido de Oliveira Martins, professor associado da Universidade Católica Portuguesa, em Braga, repassa, brevemente, o contexto mundial desencadeado pela pandemia de coronavírus e aborda como o gênero “crónica”, que se afigura, na pesquisa, na forma de um livro de Isabel Cristina Mateus, tem retratado a crise sanitária. Na concepção de Martins, tanto em Portugal quanto no Brasil, no campo literário e no campo cultural, a “crónica” se consolidou, nos últimos anos, como um gênero multiforme. Nesse sentido, albergadas nesse gênero, existem várias



dimensões, com estratégias discursivas, com objetivos e com manifestações de humor e de ironia distintos, algumas das quais são acionadas na análise das “crônicas” de Isabel Cristina Mateus.

O quarto artigo deste número, intitulado “O lugar da pedagogia discursiva no combate à desinformação: aprender a ensinar as condições de produção”, de Pedro Henrique Varoni de Carvalho, docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, pressupõe que as redes de desinformação têm prejudicado as relações pessoais e as políticas públicas institucionais, sendo inextrincáveis de seus elementos linguístico-discursivos; e, com base nisso, investiga como o conceito “condições de produção”, que pertence ao conjunto de ferramentas teóricas da Análise de Discurso francesa, é capaz de desvelar os efeitos dessas redes de desinformação. Segundo Carvalho, justificando sua abordagem e seus objetivos,

[a] redução da capacidade de interpretação metafórica dos enunciados e seus contextos históricos, bem como das diferentes filiações dos sujeitos em posicionamento político-ideológico, tem contribuído para a fratura social no Brasil contemporâneo. A questão que se coloca é a necessidade de uma pedagogia discursiva como ferramenta de educação midiática para formação de leitores/produtores de conteúdo críticos na sociedade midiaticizada.

“Reverberações euclidianas na contísticapam-amazônica sobre os fenômenos das águas” é o título do texto seguinte. Escrito por Irisvaldo Laurindo de Souza, mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, e por Tânia Maria Pereira Sarmento-Pantoja, docente da Universidade Federal do Pará, o texto visa a discutir “a influência do modelo de escrita e interpretação da Amazônia estabelecido por Euclides da Cunha, no início do século XX,

na contística pan-amazônica sobre os fenômenos das águas”. Os autores selecionam, como corpus, no total, seis contos dos autores Alberto Rangel, Arthur Engrácio João Meirelles Filho – brasileiros – e Francisco Izquierdo Ríos – peruano; e tecem três importantes conclusões: (1) o modelo literário de Euclides da Cunha está relacionado a como os fenômenos das águas são absorvidos e tratados nos textos verificados; (2) o extrativismo, na condição de tema, representa outra maneira pela qual o modelo euclidiano aparece nas narrativas consideradas; e (3) Euclides da Cunha inaugurou um paradigma literário próprio que está presente na produção dos autores consultados, em que o sujeito amazônico, como protagonista das histórias da região, não recebe esse reconhecimento explicitamente.

De alguns anos para cá, a prática de *coaching* – que se configura como uma espécie de oferta de serviços de psicólogo ou psicanalista, sem o devido licenciamento para exercer tal função – tem aumentado, exponencialmente, em nosso país. Interessados no funcionamento dessa prática, Vinícius Costa Araújo Lira, graduando em Letras (Português- Inglês) pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, e Francisco Vieira da Silva, doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba e docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, remeteram-nos o texto chamado “O avesso do *coach*: uma análise discursiva de postagens da página ‘Dicas Anti-coach’ no Facebook”, em que investigam como os posicionamentos contrários ao *coaching* se constituem; como a produção de “verdades” se desdobra e a sua relação com a prática de *coaching*; e, com base nos pressupostos teóricos de Michel Foucault, como se dão as relações de saber-poder em que os discursos dos *coaches*, nome atribuído a quem realiza essa prática, estão baseados.



“O processo’ (2018) envolto em imagens e discursos de violência: uma proposta de análise das narrativas e memórias a partir do documentário de Maria Augusta Ramos” se segue à contribuição que aborda o discurso de *coachs*. Meire Oliveira Silva, autora do artigo e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, estuda como o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, impactou a sociedade e repercutiu nos diversos tipos de discursos que circulam em nossa sociedade. Para isso, são analisadas imagens e discursos presentes em “O processo”, documentário nacional que remonta os acontecimentos subjacentes ao processo de deposição. Entre os discursos selecionados, estão alguns que apagam a identidade feminina e as memórias da ex-presidenta Dilma Rousseff, demonstrando como e quanto a replicação de juízos preconceituosos podem interferir na estabilidade política do país.

“A voz exerce grande significação na prática clínica da psicanálise, ocupando um lugar de expressivo relevo na constituição do sujeito – esse, por sua vez, é clivado pela condição do inconsciente, constituindo-se não senhor do seu dizer”: assim se inicia o resumo de “Voz, corpo simbólico, efeito do real da língua”, que não esconde a sua afiliação à Análise de Discurso francesa. No decorrer do texto, Teodulino Mangueira Rosendo, doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina, foca a relação entre a voz concebida e empregada no exercício psicanalítico e a voz social, que surge nas relações de poder e se traveste de linguagem. O caminho adotado pelo autor é ditado por Pêcheux (1997): a voz faria parte do real da língua, comportando-se como um corpo simbólico e como um espaço de equívoco e de incompletude.

Constituído como um relato de prática, “O *pitch*, a multimodalidade, a Linguística Aplicada e a abordagem crítica dos Letramentos”, de Ana

Lucia Monteiro Maciel Golin, professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas, contempla como o conceito de *pitch*, que diz respeito a um “modelo” de apresentação comum no universo dos negócios, tornou-se foco do interesse da Linguística Aplicada e passou a ser considerado parte de práticas pedagógicas. Para atingir esse objetivo, são analisados vídeos da ElevatorPitch, série de três episódios publicada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no YouTube; e adota, como metodologia de análise, a ferramenta multimodal (PAUWELS, 2012). Como resultado, além de serem apontados os motivos que justificam a realização de *pitch* no universo dos negócios – principalmente, em ambientes que supõem inovação –, é feito “um diagnóstico do arcabouço teórico-prático do ensino e da aprendizagem do *pitch* no currículo de formação acadêmica, em uma disciplina de Empreendedorismo, baseando-se na perspectiva dos Multiletramentos (KALANTZIS, COPE; PINHEIRO, 2020) e na abordagem crítica dos Letramentos”.

“Política da arte carnavalesca: receptibilidade tátil e afectos no discurso das escolas de samba”, texto de Itamar Wagner Schiavo Simões – artista cênico e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina, analisa o contexto dos desfiles das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro e observa como se constrói o seu protagonismo no debate de questões prementes da cena política brasileira. Com base em marcas presentes nos desfiles de anos mais recentes, desempenhados como verdadeiros protestos, o autor avança relações das manifestações carnavalescas com os âmbitos cultural, econômico, político e social brasileiros, os quais são entrevistados nas escolhas estéticas das agremiações. Assim, de tal forma de dispor os elementos elencados pelas escolas de sambas,



o conceito de receptibilidade tátil e a teoria dos afectos são tomados como referências importantes da mensuração do impacto que as escolas de samba têm sobre o processo de conscientização política e identitária dos cidadãos.

Alinhado ao contexto que descrevemos no início deste texto “E se o Bolsonaro falasse de você? Uma revisão midiática e literária sobre a capacidade destrutiva do *firehosing* do *flamingo* no discurso político”, de João Thiago Almeida Stilben, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Poder Legislativo da Câmara dos Deputados, esmiuça como o presidente Bolsonaro, em seus discursos, apropria-se das práticas conhecidas como *firehosing* e *falsehood*, que envolve desacreditar veículos de comunicação e manipular a opinião pública, e como *flaming*, que pressupõe uma agressão imotivada e sistêmica, como estratégias retóricas. Essas estratégias, que, segundo o autor nos relata, foram identificadas na conduta do ex-presidente Donald Trump e na de presidentes russos, transformam-se, nas mãos de Jair Messias Bolsonaro, em métodos de angariar apoio político e de desacreditar opositores, valendo-se da velocidade com que, atualmente, as informações se propagam. A seguir, estão os parágrafos iniciais do texto, como convite à reflexão, à tomada de consciência e à empatia.

Imagine que o presidente da República resolve declarar que algum cidadão é parte de uma seita que sacrifica crianças para beber seu sangue e manter-se jovem para sempre. Sem provas, sem investigar sua ficha criminal, sem sequer falar com pessoas que lhe tem convívio, passe a atacá-lo durante entrevistas de TV, em pronunciamentos nas cadeias estatais de rádio, em publicações nas redes sociais.

Isso parece um absurdo, sendo, de uma certa forma, algo risível, em especial se a vítima da difamação possui reputação ilibada, facilmente comprovando o contrário, podendo inclusive processar o chefe máximo do Executivo por calúnia, injúria e difamação: crimes previstos em código penal. Sem contar que o ônus da prova é de quem acusa, o que complicaria a situação do presidente.

Isso proveria uma consciência tranquila ao ofendido, mas de fato manteria a sua imagem intacta? Será que mesmo a impossibilidade de condenação penal impediria uma condenação pública que interrompesse inúmeras relações sociais, afetivas e laborais? (STILBEN, 2021)

O texto que fecha, com brilhantismo, a seção “Artigos” deste número é “Teatro digital: análise de uma nova experiência de criação de imagem pelas contribuições da gramática do design visual e na interpretação do ator/atriz”, de NeiseTeixeira Neves, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro de Educação Federal de Estudos Tecnológicos de Minas Gerais. Ao longo de sua investigação, baseando-se na metafunção interpessoal/interacional da Gramática do Design Visual (KRESS; VANLEUWEEN, 1996), a autora se concentra em imagens em movimento do espetáculo “Antigamente é quando?”, da Cia Pierrot Lunar, importando-se com definir a modalidade digital de teatro, que se espalhou durante a pandemia de coronavírus, e as possibilidades, nesse contexto, associadas ao agente teatral.

Como anunciamos, este número inaugura a sessão “Dossiê”, cujos detalhes foram apresentados anteriormente. Sob o título de “Políticas linguísticas entre povos indígenas do Nordeste brasileiro, de Minas Gerais e do Espírito Santo”, este “Dossiê” foi organizado por Evandro de Sousa Bonfim, do professor do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; por Leandro Durazzo, professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; e por Maycon Silva Aguiar, do Departamento de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foram recebidas, entre março e agosto de 2021,



interessantes e importantes contribuições de pesquisadores brasileiros, as quais destacam, especialmente,

processos de revitalização linguística de comunidades originárias [...]; a diáspora dos povos originários do Nordeste e do Centro-Oeste, motivada por perseguição política (do Estado) e social (do homem branco) durante e após a invasão e a colonização do território brasileiro; o contexto etnolinguístico das comunidades originárias; discussão de termos, de conceitos êmicos e de conceitos científicos homônimos; e uma promoção de conceitos resultantes das experiências de trabalho com as línguas originárias. (BONFIM; DURAZZO; AGUIAR, 2021)

“A garantia do *seguimento* indígena: *ciência* ritual, rede proká e revitalização linguística no submédio São Francisco”, de Leandro Durazzo, faz uma advertência séria ao leitor: embora algumas línguas nativas do Nordeste brasileiro não apresentem falantes, enquanto outras estejam seriamente ameaçadas, os povos originários as consideram vivas. Portanto, mesmo que, do ponto de vista das teorias linguísticas, as línguas nativas contem com falantes, estão vivas dos pontos de vista nativo e antropológico, o que é tomado como argumento para criação de movimentos de revitalização⁴. Com base em sua experiência etnológica com o povo Tuxá de Rodelas, no norte baiano, o autor explora como se

⁴ O dossiê procura chamar a atenção para o fato que, embora as teorias linguísticas e o Estado considerem que a maior parte das línguas nativas do Nordeste brasileiro não apresentem falantes, os povos originários têm critérios próprios acerca (1) da vitalidade de cada língua, (2) de quem pode ser considerado falante e (3) de qual é a extensão de domínio linguístico. Logo, do ponto de vista das comunidades linguísticas originárias, que deve ser a base para a discussão das políticas linguísticas e de suas questões, apesar de não terem o estatuto de língua oficial, como é o caso do português, as línguas nativas estão vivas, o que é tomado como argumento para a criação de movimentos de revitalização. "Com base em sua experiência etnológica com o povo Tuxá de Rodelas, no norte baiano, o autor explora como se" se tornará um novo parágrafo.

desenvolvem projetos de revitalização linguística em seus contextos escolares, estabelecendo redes ainda incipientes de troca e cooperação interétnica, mas que apontam para o fortalecimento, por meio da língua, de grupos política e historicamente aproximados, potencialmente reconfigurando o cenário etnológico da região.

Nesse sentido, o artigo demonstra que a existência de uma dinâmica sociolinguística entre os Tuxá de Rodelas está relacionada, intrinsecamente, aos seus rituais. Quando essa dinâmica sociolinguística é abordada no contexto de um grupo de trabalho cujo objetivo é revitalizar a língua Dzubukuá, são evidenciados os saberes linguísticos e os saberes rituais, com base nos quais novas e desconhecidas dimensões da cultura indígena podem ser descritas pelo etnólogo.

O segundo texto da seção “Dossiê, “Voos na sabedoria: o ensino do Patxohã na Escola Estadual Indígenas Kijetxawê Zabelê”, assinado por Cristiane Maria de Oliveira, docente e pesquisadora Pataxó, e por Francisco Vanderlei Ferreira da Costa, docente e pesquisador da Licenciatura Intercultural Indígena do Instituto Federal da Bahia, foca prática pedagógicas empreendidas em meio à comunidade Pataxó. Agentes indígenas e não indígenas, segundo os autores, desenvolvem métodos de revitalização/retomada do Patxôhã, língua ancestral do povo Pataxó, métodos esses que são apontados como inovadores para os padrões ocidentais. Sendo assim, no decorrer do artigo, é descrita a política linguística desenvolvida pelos Pataxó, cuja meta é desprender a língua Patxôhã da rotina escolar e (re)transformá-la na língua da comunidade; e são analisados exemplos de como estabelecer uma postura epistêmica autônoma, como maneira de que as propostas pedagógicas se tornem posturas étnicas.



O artigo de Vanessa Moraes, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, “Refletindo sobre as concepções de revitalização linguística e língua morta a partir do Contexto Kiriri”, denuncia que a colonização do território brasileiro se pautou no glotocídio, no extermínio e no epistemicídio dos povos originários. Portanto, não nos surpreende que diversos povos indígenas nordestinos tenham sido privados dos saberes linguísticos de seus ancestrais. Nos últimos anos, como a autora destaca, com a finalidade de superar as mazelas legadas aos povos originários pelo processo de colonização, diversos povos originários do Nordeste têm se organizado em torno de projetos de revitalização e de retomada de línguas. Contrariamente à sua iniciativa, as línguas nativas são consideradas mortas ou extintas nos âmbitos acadêmico, político e social, ignorando as concepções dos indígenas sobre o que seria “vitalidade” e os saberes linguísticos que foram preservados.

“Os Kiriri do Acré e o *resgate da língua indígena*”, escrito por Fernanda Borges Henrique, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, e por Roseni Ramos, professora da Escola Estadual Indígena Ibiramã Kiriri do Acré formada pelo Magistério Indígena da Universidade do Estado da Bahia, ao se dedicarem ao povo Kiriri do município de Caldas, em Minas Gerais, relacionam sua luta por terras ao resgate de sua língua nativa. De acordo com as autoras, a chegada dos Kiriri a essa região aconteceu em março de 2017 e visava a “entrar na terra, construir casas de barro para as famílias, edificar uma cabana no centro da aldeia e um poró em meio à mata, para que pudessem realizar a *ciência* e, assim, entrar em contato com *encantados de forma correta*”. Outro objetivo dos indígenas, para

preservar sua cultura e seus saberes, era a fundação de uma escola, para que, dentre cujos conteúdos curriculares, fosse ensinado aos Kiriri (de todas as idades) o orgulho de ser indígena. Para Henrique e Ramos, a construção da escola foi importante para que a semente de revitalização da língua da comunidade vingasse, fixando-se, portanto, no bojo das esferas escolar e social, entre conhecimentos formais e saberes étnicos.

O último artigo do “Dossiê” e deste número foi escrito por João Roberto Bort Júnior, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, e se chama “Transformações Xucuru-Kariri: *oruãynyn’rêuê* e outras formas gráfico-verbais no Alto Rio Pardo (Minas Gerais, Brasil)”. Segundo o autor, embora falem e escrevam em português, os Xucuru-Karirido Alto Rio Pardo, município de Caldas (Minas Gerais, Brasil), compõem seu léxico com termos da língua Yaathe e da família linguística Kariri (tronco Macro-Jê)”. Por outro lado, o *ruãynyn’rêuê* é utilizado, também, como forma de comunicação, língua que, na concepção da comunidade, é tida como nativa. Conforme o texto se desenvolve, Bort Júnior descreve a língua *ruãynyn’rêuê* e a interpreta, tomando o português, as artes gráfico-verbais, os saberes rituais e as relações políticas dos Xucuru-Kariri como base; e afirma que segredos étnicos são encobertos por transformações alfabéticas, garantindo o sigilo das tradições ritualísticas e de outros elementos culturais.

Finalizando este número, na sequência dos artigos da seção “Dossiê”, há o documento “Nas palavras dos povos, um multilinguismo”, que reúne reflexão de oito indígenas atuantes em diferentes movimentos de resistência das culturas originárias do Nordeste do Brasil. Dentre as perguntas feitas aos entrevistados, encontram-se questionamentos sobre línguas faladas por sua comunidade; sobre



demarcação de terras indígenas; sobre os rituais e sobre outros elementos étnicos; sobre a implementação de políticas linguísticas; sobre a língua ancestral da comunidade; e sobre o papel da escola indígena e dos professores nos processos de revitalização e de fortalecimento das línguas nativas.

Desejamos que este número cumpra a sua missão de divulgar os conhecimentos produzidos no âmbito das universidades brasileiras, sobretudo as que contam com financiamento público, para um número relevante de cidadãos, sejam iniciados no meio acadêmico, sejam não iniciados no meio acadêmico. Dessa forma, poderemos voltar a sonhar com um futuro em que a educação brasileira, em todos os seus níveis, voltará à superfície dos interesses dos governantes, cumprindo o dever de libertar a população (FREIRE, 1967).

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Eichmman em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Rio de Janeiro. Cia. das Letras, 1999.

ARISTÓTELES. **Meteorológicos**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2017.

BBC NEWS BRASIL. Super pedido de impeachment de Bolsonaro: quais os 23 crimes de responsabilidade listados no documento. **BBC News Brasil**, São Paulo, 1º jul. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57681960>. Acesso em: 31 ago. 2021.

BERGAMO, M. STF estende suspeição de Moro para todos os processos em que ex-juiz atuou contra Lula. **Valor Econômico**, São Paulo, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/06/24/>

stf-estende-suspeicao-de-moro-para-todos-os-processos-em-que-ex-juiz-atuou-contra-lula.ghtml. Acesso em: 31 ago. 2021.

BRASIL. **Lei n. 1.079, de 10 de abril de 1950.** Define os crimes de responsabilidade e regula o respectivo processo de julgamento. Brasília, DF: Presidência da República, 1950. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l1079.htm. Acesso em: 31 ago. 2021.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse:** textual analysis for social research. London; New York: Routledge, 2003.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

G1. ‘Superpedido’ de impeachment de Bolsonaro: leia o documento. **G1**, São Paulo, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/30/superpedido-de-impeachment-leia.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2021.

GOES, S. Gilmar estende suspeição de Moro a mais dois casos envolvendo Lula. **Conjur**, [S. l.], 24 jun. 2021. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-jun-24/gilmar-estende-suspeicao-moro-outros-casos-lula>. Acesso em: 31 ago. 2021.

KALANTZIS, M.; COPE, B; PINHEIRO P. **Letramentos.** Campinas, SP: Unicamp, 2020.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images – the grammar of visual design.** London; New York: Routledge, 1996.

MAD Max: beyond Thunderdome. Direção de George Miller. Sydney: Kennedy Miller Productions, 1985.

OS IMPEACHMENTS de Bolsonaro. **Apublica**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://apublica.org/impeachment-bolsonaro/>. Acesso em; 11 ago. 2021.



O PROCESSO. Direção: Maria Augusta Ramos. Brasil, 2018.

PAUWELS, L. A multimodal framework for analyzing websites as cultural expressions. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 17, n. 3, p. 247–265, 1 abr. 2012. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2012.01572.x>.

PÊCHEUX, M.O **discurso**: estrutura ou acontecimento. 2. ed. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PEDRUZZI, P. Guerra do Iraque contabiliza 174 mil mortes em dez anos. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 13 mar. 2013. Disponível em: memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-03-17/guerra-do-iraque-contabiliza-174-mil-mortes-em-dez-anos. Acesso em: 31 ago. 2021.

_____. Brasil registra mais de 500 mil mortos por covid-19. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 19 jun. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-06/brasil-registra-mais-de-500-mil-mortos-por-covid-19>. Acesso em: 31. ago. 2021.

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO. Prefeitura Municipal de Cáceres-MT, 2010.

PODER 360. Brasil chega a 500 mil mortes pela covid-19. **Poder 360**, [S. l.], 19 jun. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/brasil-chega-a-500-mil-mortes-pela-covid-19/>. Acesso em: 31. ago. 2021.

WILDE, O. **A decadência da mentira e outros ensaios**. Disponível em: https://www.pucpcaldas.br/uploads/59/oscar_wilde.pdf. Acesso em: 21 ago. 2021.